

**EDUCAÇÃO ARTÍSTICA INFANTOJUVENIL E IMAGENS
MULTICULTURAIS
TRANSVERSALIDADES E INTERCONECTIVIDADES ARTÍSTICAS E
EDUCATIVAS**

Maria Assunção Pestana¹

caopestana@gmail.com

Estela Pinto Ribeiro Lamas²

estela.lamas@mac.com

¹ Bacharel em Cine-Vídeo na Cooperativa de Ensino Superior Artístico Árvore, Porto, 1986; Licenciada em Arte Arqueologia e Restauro, pela Escola Superior de Tecnologia de Tomar, 1990 (D.E.S.E.); Mestre em História Ibero-Americana pela Universidade Portucalense, Porto, 1996. Doutorada em Didáctica e Organización Educativa – Investigación e Innovación, pelo Departamento de Didáctica y Organización Escolar, da Faculdade das Ciências da Educação, Universidade de Santiago de Compostela, título reconhecido pela Universidade do Porto, 2011, sendo a Tese: *Educação Artística - da prática artística à prática docente, as Pastas e os Blogues como dispositivos pedagógico-didáticos*. Professora aposentada do Instituto Piaget e da ESPAP. É investigadora em Educação Artística e colaboradora externa do Centro de Estudos do CIEC, Universidade do Minho. Artista visual e plástica presente, desde a década de sessenta do século XX, em diferentes exposições e coleções de arte; Tem estado presente em diferentes exposições (individuais e coletivas) – bienais de arte contemporânea, museus, galerias e coleções (Portugal e estrangeiro). Possui a Menção Honrosa de Performance – Bienal Vila Nova de Cerveira (1985) e o 1º Prémio de Vídeo Arte da Fundação Calouste Gulbenkian (1986).

² Professora catedrática aposentada, com agregação em Didática da Literatura, Doutora em Ciências da Educação (Didática das Língua e Literatura Maternas), Mestre e Licenciada em Línguas e Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas (Portugal e França), Bachelor/Master (South Africa). Colabora com várias instituições em Portugal, com parcerias internacionais. Juntamente com Lourdes Montero da Universidade de Santiago de Compostela coordenou o programa de Doutoramento Perspetivas Didáticas em Áreas Curriculares (2000-2012). Publica na área da Crítica literária, de Didática do Português, da Formação de Professores. Como Reitora da Universidade Jean Piaget de Cabo Verde (2001-2007), em protocolo, promoveu o curso de Mestrado Ensino do Português (Universidade do Minho), cursos de Doutoramento Desenvolvimento Psicológico e Intervenção Social (Universidade de Valência) e Educação e Desenvolvimento Humano (Universidade de Santiago de Compostela). De 2012 a 2018, integrou a Comissão Instaladora da Universidade Metodista de Moçambique (UMUM), onde coordena o Mestrado em Pedagogia e Didática desde 2018. Está ligada a Centros de Investigação – Centro de Estudos Interculturais, no qual integra a Comissão Científica de Aconselhamento (CEI-ISCAP, Instituto Politécnico do Porto; Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEAUP).

RESUMO: Dando continuidade a outros estudos, tanto da nossa autoria como de outros(as) investigadores(as), pretendemos com este artigo refletir sobre a importância das imagens multiculturais, questionando os contributos do uso das técnicas de desenho bidimensionais e tridimensionais – manuais ou digitais. Procuramos entender de que forma essas técnicas trazem enriquecimento à educação artística das crianças e dos jovens, numa perspectiva integrada e holística, através da implementação de novos projetos, com recurso aos media, pela promoção de atividades com enfoque no processo criativo, nas habilidades específicas de cada criança e/ou jovem envolvida(o) e pelo uso dos medias como complemento ou substituto do desenho à mão livre. Na atualidade, a dimensão digital integrada na educação não só propicia a transversalidade como abre oportunidades de interconectividades artísticas que contemplam a realidade e permitem uma abrangência que leva a potenciar a multiculturalidade. Reconhecer e aceitar outras culturas enriquece o ser humano, já que implica uma ecologia humana, local e global que, sem dúvida, contribui para uma cidadania ampla, consistente e consciente, necessária à formação do ser humano. Há, pois, que investigar para potenciar o processo de ensino-aprendizagem, pelas transversalidades encontradas/criadas bem como pelas interconectividades artísticas construídas. Procuramos interconectar diferentes transferências de conteúdos artísticos, em diferentes comunidades educativas e civis.

PALAVRAS-CHAVE: Educação artística, imagens multiculturais, interconectividades, transversalidades

ABSTRACT: Continuing with other studies, both by us and by other researchers, we intend with this article to reflect on the importance of multicultural images, questioning the contributions of the use of two and three-dimensional drawing techniques – manual or digital. We pretend to understand how these techniques enrich children and young people arts education in an integrated and holistic perspective through the implementation of new projects through media promoting activities focused on the creative process on each child or young people specific skills involved and the use of media as a complement or substitute for freehand drawing. Nowadays the digital dimension integrated in education not only provides transversality but also opens opportunities for artistic interconnectivities that contemplate reality and allow a scope that leads to the enhancement of multiculturalism. Recognizing and accepting other cultures enriches the human being since it implies a human local and global ecology that undoubtedly contributes to a broad consistent and conscious citizenship, necessary for the human being formation. Therefore, investigation enhances the teaching-learning process

by the transversalities found/created as well as by the constructed artistic interconnectivities. Our research seeks to interconnect different transfers of artistic content in different educational and civic communities.

KEYWORDS: Arts education, interconnectivities, multicultural images, transversalities

Introdução

Impõe-se, hoje em dia, na exploração e investigação de abordagens resultantes de entrosamentos e interações pluriculturais, uma educação artística que se redefina em intertemáticas e que responda melhor às grandes questões com as quais a atualidade nos confronta. Nessa ótica, numa abordagem estética, defendemos uma perspectiva do ensino artístico que assimile valores e proporcione aprendizagens nos domínios da cidadania ampla, consistente e consciente e que se reveja numa ecologia humana, local e global, contribuindo assim para o reconhecimento da diversidade, do multiculturalismo e do reconhecimento do 'outro'. Nesse sentido, concentramo-nos em trabalhos exploratórios, que abarcam uma perspectiva integrada e holística, implementados em Escolas Básicas (1º ciclo e 2º ciclo), concretizando-se continuamente em novos projetos, pelo recurso aos media, motivando os diversos intervenientes, deles emergindo uma implicação desafiadora que abre vias a novos horizontes, que permitam ao aluno o acesso a conhecimentos e valores, a culturas e valores sociais, a formas diversas de viver, de perceber e de interpretar o mundo, de comunicar, de se expressar e materializar as suas ideias, pela arte. Para além da proposta de atividades desafiantes, estes trabalhos exploratórios induzem à investigação, em domínios diversificados, promovendo o conhecimento artístico, o desenvolvimento de competências da expressão pessoal, social, cultural, dando oportunidade à partilha de saberes, à colaboração e à inovação. Para complementar, numa dinâmica pedagógica-didática, apresentamos alguns exemplos que permitem, em nosso entender, através de roteiros, estratégias, atividades e interconectividades multiculturais, valorizar a educação artística infantojuvenil.

Partindo do estudo e manipulação de uma imagem fixa ou em movimento, desde logo, sugerimos o uso diferenciado de ferramentas, formatos e suportes de conectividade e de

interação, que nenhuma área de estudo e ensino, hoje em dia, pode ignorar. Assim, apresentamos um exemplo possível de (re)criação no campo de estratégias educativas, no processo ensino-aprendizagem – a criação de avatares, em formato analógico (registro desenho manual) e digital, passíveis de (re)criação manual, física e virtual em simultâneo, tanto na modalidade escultórica física e sensorial, assim como através de registros visuais de anterior captação física e virtual (desenhos, fotos, vídeos, imagens de arquivos, bibliotecas *online* e outros dispositivos).

Cientes de que “uma das constatações que podemos fazer sobre o avatar é que sendo ele a representação de uma pessoa é por sua vez um símbolo que traz à tona, para elaboração, os arquétipos presentes no seu psiquismo” (Seppi & Cardoso, 2014, p.2), reconhecemos que os avatares permitem ampliar o (re)conhecimento formal, histórico-social e cultural atualizado de cada peça, individual e de grupo, enquanto estratégia de (re)conhecimento artístico, juntamente com uma reflexão crítica, sobre os seus conteúdos e contextos formais e estéticos, em estudo. Seppi & Cardoso (*op.cit.*, citando Fraga, 1999), salientam a dimensão híbrida dos avatares, definindo-os como

[s]eres sintéticos que, ao se deslocarem, desenham ou metamorfoseiam-se; são avatares-mestiços, resultantes da mistura de todas as raças a fomentar a biodiversidade; são avatares-mutantes, representados por caixas cujos conteúdos são compostos por objetos: luzes, sons, links, imagens, textos, palavras e formas; eles ofertam aos participantes a possibilidade de realizarem escolhas poéticas criativas, as quais se contrapõem aos estereótipos comerciais construídos no ciberespaço; são metáforas do desconhecido criando mundos virtuais alegóricos.
(p.14)

Permitem, pois, transferir formas artísticas ou documentais registadas e recriadas de formato analógico para digital e *vice-versa*, implicando, deste modo, o desenho de outras tarefas que vão no sentido da atualização de práticas educativas do ensino artístico visual e virtual, aproximando-se do atual tipo híbrido de ensino – presencial e virtual, cada vez mais em uso, conduzindo a uma *praxis* significativa e envolvente.

Outros exemplos a explorar, no atual campo da didática e da pedagogia artística e dirigida ao referenciado público-alvo do Ensino Básico, incidem sobre o estudo das diferentes expressividades contidas em formas artísticas, arquitetónicas e patrimoniais, disponíveis *in loco* como método de abarcar as premissas multiculturais, contidas nas mesmas.

Inferir das diferentes formas culturais disponíveis em nossos *sítios* e lugares, sobre as técnicas e narrativas importadas/exportadas de diferentes continentes, implica desde logo um saber histórico-estético-ético e uma reflexão sobre os mesmos, que urge cada vez mais explorar,

nas escolas, já que estas constituem-se de simbologias e ambientes multiculturais e multiétnicos estéticos, transversais e mutantes, em grande número nas atuais sociedades.

Problematizar, em simultâneo, o discurso unidirecional e linear de pertença expressiva formal vigente é, por si só, um ponto de partida para uma discussão abrangente sobre tipos de presença, multi-identidades, multi-expressividades, existentes nas diferentes comunidades educativas e civis, não esquecendo que “a construção de uma cidadania democrática multicultural é tarefa complexa e exigente” (Lima, 2005, p.88).

Centramo-nos, pois, numa abordagem da educação artística multicultural e com múltiplas opções assim como no uso de ferramentas em diferentes contextos formativos, perfazendo novos roteiros, dirigidos a aprendizagens artísticas transversais e transferíveis que, por um lado, abrem vertentes de inovação educativa artística e, por outro, refletem a abordagem de uma formação explícita e implícita do exercício pleno de uma cidadania por parte dos autores envolvidos, sejam discentes, docentes ou outros agentes, envolvidos neste processo de educação artística formal, não formal e informal. A colaboração pode ajudar a dar resposta à complexidade e exigência que a educação artística multicultural nos coloca.

No *Catálogo Expo “AVATARES” 2013*, lê-se: “La exposición tiene dos formatos, virtual y real. Desde 2010 ha sido presentada en diez países. 2010-2012: España/ Venezuela/ Cuba/ Brasil/ Portugal/ Colombia/ Italia/ EEUU/ Panamá/ Chipre” (Saura Pérez, 2013, p.29. Na sequência de uma das autoras deste artigo ter participado nesta exposição, avançamos, de seguida, com a descrição da execução de um exercício, sendo que, no seguimento da mesma, procuramos incorporar, também, temáticas, técnicas e ferramentas, bem como outros meios – novos suportes e tecnologias atuais nesse anterior modelo. Entre vários sites disponíveis *online free*, podemos recorrer aos *tecnoblogs – Como criar o seu Avatar no Facebook* (Cosseti, 2020) e criar ou editar um avatar no Windows 10 (Windows 10, s/d).

Na concretização de propostas e projetos artísticos a implementar em espaços formativos, há que considerar a complexidade do ato artístico, com suas variações e implicações nos domínios cultural, social e artístico assim como a complexidade e exigência da construção de uma cidadania democrática multicultural. Já em 1998, Eisner destaca que a realização de projetos artísticos por si só produz automaticamente um alto nível das capacidades críticas e, na sua opinião, a criação de projetos é desafiante, dada a qualidade que o ensino artístico se propõe; apre(e)nder formas visuais requer implicação, já que não é tarefa fácil porque exige um sistema de referenciais adequados e o uso de competências preceptivas complexas.

Daí procurarmos criar propostas conciliadoras dirigidas ao desenvolvimento de conhecimento artístico (inter)conectado, incentivando, em simultâneo, a realizar exercícios

físicos/digitais, tipo analógico/digital, por forma a (re)conciliar e projetar um saber multi/interdisciplinar que potencie a (re)criação artística diferenciada, sustentada em interconetividades de linguagens artísticas, pelo recurso a diferentes suportes e a tecnologias; por outro lado, também, promover um saber multi/interdisciplinar, na sua relação direta com o papel da arte contemporânea na consolidação da cidadania e da ecologia humana na atualidade. Sabemos que o ensino-aprendizagem artístico na atualidade é apanágio de diferentes modelos e modos de ação/intervenção educativa, não linear por excelência, visível na criação de novos roteiros de tarefas artísticas, em espaços formativos físicos e digitais, diferenciados.

Em nosso entender, as questões e práticas atuais sociais e culturais despertam o interesse, motivam e levam à inovação, quando dirigidas a docentes/discentes, numa mediação híbrida artística/tecnológica de práticas educativas artísticas; importa, portanto, que sejam aliadas a uma crítica reflexiva, comprometida e em consonância com as realidades e vivências sociais culturais, tecnológicas e artísticas contemporâneas. O enfoque de Arantes (2005, p.117) reforça estas ideias:

[a] arte é uma capacidade comunicativa que se manifesta por meio das mais diversas formas de estetização das interfaces, as funções da arte na era digital parecem ser refletir sobre processos comunicativos e informacionais que premeiam a sociedade contemporânea; resistir ao apagamento da memória; resistir à falta de sensibilidade e à perda da privacidade; transformar em forma poética as questões que afligem o homem na sociedade contemporânea.

Tendo como referentes, autores como Saura Perez (*op.cit.*), procuramos dar o nosso contributo, ao analisamos algumas possíveis inquietações e indagações de docentes e discentes e outros agentes educativos artísticos, hoje em dia, sobre como ampliar e amplificar o conhecimento artístico multicultural dos indivíduos implicados no exercício da cidadania plena, focando-se em suas pertenças culturais, abrangente em opções diversificadas em diferentes ambientes socioculturais e artísticos, e que intercorram em vivências exploratórias de múltiplas situações híbridas, analógicos e digitais.

Um conhecimento artístico, que se assume transversal e transferível entre comunidades, traduz-se em reafirmações de culturas de uma cidadania multicultural em diferentes latitudes e longitudes, com base na importância do reposicionamento e (re)visionamento das suas práticas, de conceitos e atitudes. É um tema presente e sensível nas comunidades educativas artísticas e sociais do nosso tempo e contempla “a aceitação da diversidade com base no alteridade (que) permite um novo pacto, uma nova negociação em que cada um reconhece a identidade do outro.” (Pieroni, Fermino & Caliman, 2014, p.29).

Partimos da análise de certas projeções, percepções, memórias e registos circulantes em diferentes medias e academias e da conseqüente discussão. Temos, como exemplo, os atuais discursos e debates inclusivos sobre modos de identificações, manipulações e (re)atribuições de formas artísticas ancestrais, a sua pertença e o reconhecimento de objetos artísticos diversificados, provenientes de diferentes culturas e em posse de outras culturas. A análise e a discussão debruçam-se sobre:

- o tipo de pertença formal e não formal, seus (en)(re)tornos de(re)produção artística local e global; inventários e gestão de formas artísticas intercontinentais disponíveis em diferentes ambientes físico-virtuais;
- a reavaliação dos diferentes formatos expositivos e acervos existentes nas diferentes comunidades físicas e virtuais;
- o uso de estratégias lúdicas como pretexto para a problematização da recriação, desenvolvimento e (re)conhecimento atual do papel da arte e dos seus entornos artístico-tecnológicos, das diversidades e repercussões sociais na/em comunidade(s);
- a recuperação da (auto)reflexão – crítica, inclusiva, inerente a todo um processo lúdico e criativo e agente de mudança, enquanto finalidade da promoção do discurso sobre a temática da cidadania, cuja premissa assenta em seus artefactos conceptuais e formais, tendo como base as atividades e estratégias conectadas por diferentes tecnologias, técnicas e ambientes dinâmicos de (re)produção e (re)apropriação de novos significados no campo artístico e conhecimento artístico.

Assim, ao retomarmos o discurso da (re)criação, através do autorretrato sequencial, com base no uso de diferentes ferramentas técnicas e tecnológicas, formatos tridimensional – física, digital e de forma conjugada, procuramos destacar a capacidade da versatilidade lúdica circular em espiral (re)criativa, da autoprojeção artística e cultural, sempre mutante e transitiva, da (re)produção artística de um tempo e dos seus modos de interpretação e indagação social e cultural, com base num pequeno exercício prático apresentado – um exercício direcionado para a vivência da cidadania plena e para a produção do conhecimento artístico e da sua transmissão estética – valorativa, multi-identitária.

Exercício – Roteiro

- 1- Auto registo das fisionomias do público-alvo envolvido (discente e docente), em suporte bidimensional, através de desenhos, colagens, registos, fotos – gráficos e outros registos físicos, que apelidamos de *avatars físicos/analógicos*.

- 2- Transposição e adaptação destes mesmos registos para o espaço virtual, lugar de produção de imagens digitalizadas de ambientes virtuais, como seja, efeito visual 3D –*avatares virtuais*– enquanto personagens digitais, utilizando diferentes programas *online free*, para esse efeito.
- 3- Impressão física dessas imagens.
- 4- Utilização de uma impressora 3D, fazendo que esse registo de avatares digitais se traduza em objetos físicos – bonecos 3D tipo esculturas.
- 5- Aplicação de tinta adequada, para o efeito, sobre estes bonecos últimos, produzidos em 3D físico.
- 6- Apresentação destes exemplares físicos e digitais, produzidos ao longo deste exercício, num contexto artístico expositivo físico e digital e instalação artística.
- 7- Gestão/produção e animação de eventos artísticos, em ateliers diversos situados em espaços físicos abertos e fechados, fóruns *online* e outros que contemplem a promoção de histórias escritas variadas, criadas pelos intervenientes, bem como peças teatrais, registos visuais, ilustrações, banda desenhada, poesia, produções sonoras, dança, expressões integradas, ou não, vídeos, fotografias.
- 8- Destaque da importância vital da diversidade cultural e da biodiversidade – o diálogo intercultural e as suas transversalidades e transferidas de narratológicas e simbólicas.
- 9- Valorização das múltiplas propostas que se desenvolvem em contextos e ações diferenciadas e focalizadas nos direitos da criança/jovem adulto/sénior, ambiente e cidadania.
- 10- Promoção do debate alargado sobre a importância da recomposição de estratégias pedagógicas e didáticas temáticas que melhor respondam aos desafios atuais dos tempos e públicos, em diferentes contextos educativos formais, não formais e informais.

Este exercício permite, desde logo, explorar a criatividade dos participantes, em primeira mão, sendo que o desenho implica o recurso a meios e ferramentas que possibilitam aumentar o seu potencial exploratório, incentivar a capacidade inventiva intuitiva e imaginativa; é, pois, um meio e não o fim, como refere Edwards (2005).

A autocrítica, (re)conciliadora de diferentes modelos expressivos, promove a reflexão sobre as práticas e as atitudes em discussão, ao serviço de uma cultura artística, envolve a ecologia humana e a cidadania plena, ao contemplar as diferentes dimensões culturais estéticas

e estéticas, incentiva a novas práticas nos domínios tecnológicos e apela a temáticas de debate nas atuais sociedades e comunidades.

Neste contexto, como exemplo, segue-se a ilustração de três tipos de imagens produzidas por uma das autoras, que visa suscitar a (auto)crítica e debate alargado entre pares, sobre temas como (a) a urgência de preservar ambientes marinhos e seu restabelecimento e equilíbrio dos seus ecossistemas – ecologia marítima; (b) o uso excessivo e a manipulação perniciososa de imagens com fins de deturpação da realidade nas suas mensagens; (c) o destaque da oportunidade pedagógica multi/interdisciplinar que a (re)criação de avatares oferece para fins educativos, em ambientes híbridos, digitais.



Foto 1: Imagens recriadas – ecologia marítima
Autoria: *Maria Assunção Pestana, 2022*



Foto 2: Manipulações digitais de imagens
Fonte: *Maria Assunção Pestana, 2015*



Foto 3: Reprodução da imagem de um Avatar

Um exercício direcionado para a prática de uma cidadania plena associada à produção do conhecimento artístico, sua transmissão estética, valorativa e multi-identitária, implica reconverter o lugar da recriação artística como lugar de debate e de promoção de cidadania, através do autorreconhecimento e desenvolvimentos de propostas de eventos artísticos; implica, também, envolver o recurso a uma Ação formativa artística e tecnológica, dialogante e autocrítica. Neste sentido, interessa fomentar um tipo de animação sociocultural artística, que se reveja numa educação dirigida à inovação educativa, identidade cultural e multiculturalidade, criatividade individual e grupal, cuja finalidade, por último, é o desenvolvimento autónomo e integrado dos seus intervenientes: “un proceso, una metodología de intervención, que conlleva siempre componentes educativos” (Calvo, 2002, p.65).

Em nosso entender, interconectar os diferentes referenciais e transferências de conteúdos artísticos, suas realidades culturais, históricas, os tempos e espaços passíveis de estudo e investigação, ajuda a escorar uma cultura artística e estética assente numa revisão curricular crítica, que apela à redefinição das abordagens e problematização, de feitura, pertença, uso e manipulação, expressão e comunicação, produção e gestão artísticas e educativas, bem como, viabiliza situar os diferentes lugares e territórios numa visão mais abrangente e premente.

Referimo-nos neste contexto a Tedesco (2000) quando sugere que a Educação Básica deve ser orientada para a construção da identidade, ou seja, preparar os discentes e docentes, de modo que, para além do domínio de códigos básicos, possa versar, também, sobre os pontos de referências culturais e estruturas cognitivas básicas, associadas à inovação, aos centros de formação e investigação, à partilha, ao facilitar a compreensão de problemas, à conexão, redes, equipes, entre outros.

Neste sentido, exemplos similares ao roteiro apresentado, podem ser aplicados nas Escolas Básicas (1º ciclo e 2º ciclo), dirigidos tanto à valorização de diferentes projetos interconectados, como à criação de novas dinâmicas artísticas que amplificam os horizontes formativos de discentes, docentes e outros agentes educativos, em simultâneo, nos domínios das pedagogias e didáticas aplicadas.

Através da interconetividade/tranferidade dos espaços interventivos, artístico e social, o recurso aos media/arte permite ainda redesenhar novas linhas condutoras de ação e intervenção artística técnica e tecnológica relevantes, no e sobre o quadro de um desenvolvimento continuado do (re)conhecimento do pensamento artístico e da investigação, numa ótica

formativa significativa, traduzida em novas dinâmicas pedagógico-didáticas (re)produtivas de roteiros, aquisição e cimentação de habilidades, estratégias, atividades e interconectividades.

Na mesma linha, importa dar destaque à importância de projetos, neste caso, triangulares – Arte-Tecnologia-Cidadania, evidenciados nas diretrizes básicas expressas para educação artística e a aprendizagem das artes, temática privilegiada na Semana Internacional da Educação Artística de 2020 (UNESCO, 2020), concentrada na celebração do poder da arte e da educação, a nível global, reiterando a sua abrangência sustentada no uso de plataformas digitais e o seu contributo valoroso para o sucesso escolar, contemplando a diversidade e promovendo a complementaridade.

Considerações finais e prospeções

Pelos entrosamentos e interações pluriculturais – artísticas, arquitetónicas e patrimoniais, evocaram-se valores e aprendizagens multifacetadas ancoradas em modos diversificados de ensino, implicados em domínios de (re)construção de conhecimentos, da sua (re)inovação, em desafios e modelos pedagógico-didáticos e de práticas educativas reflexivas. As ações, atuações e opções futuras projetadas por parte dos intervenientes, refletem e elevam o tipo de significação de artefactos e de ambientes de intervenção sociocultural e artística. Daí que as manipulações de novos artefactos artísticos, associados a técnicas e tecnologias, físicas e/ou digitais, propostas em roteiros educativos híbridos, decorrentes da necessidade de inovar em termos de abordagens temáticas e tecnológicas, levaram a um debate alargado, suscitando novos questionamentos das atuais práticas educativas no Ensino Básico, nas sociedades contemporâneas, através da abordagem de uma cidadania plena, no quadro de uma ecologia humana.

O que queremos, pois, através de uma educação artística infantojuvenil, sustentada em imagens multiculturais, é gerar transversalidades e interconetividades, para criar uma cidadania ampla, consistente e crítica, que se concretize numa ecologia humana, local e global, pelo entrecruzamento de competências e pela promoção de conhecimentos artísticos, literacias diversificadas, registos, tratamentos. Pretendemos, assim, manter a (re)flexão continuamente, como houve oportunidade de referir, numa espiral (re)criativa, (re)abrindo permanentemente novos caminhos numa autoprojção artística e cultural, não repetitiva, mas sempre mutante e transitiva – a (re)produção artística de um tempo ido num novo tempo – passado/presente/futuro, (re)tomando e projetando modos de (re)interpretação e de permanente indagação social e cultural.

É, pois, uma realidade – a Arte, a Cidadania e a Ecologia humana são áreas de exploração temáticas recorrentes na atual produção de artefactos artísticos. A sua abordagem multi/interdisciplinar e com múltiplas formas de participação ativa a colaboração e complementaridade, desenvolvidas entre docentes, discentes e outros intervenientes socioculturais, permitindo novas linhas orientadoras e dinâmicas educativas no quadro de um Ensino Básico, que queremos mais eficaz e melhor – uma educação de qualidade que responda às necessidades das sociedades contemporâneas e abra horizontes para o futuro.

Por último, ainda, de referir que a partir dos exemplos apresentados, a nossa implicação é o apelo a um maior desenvolvimento do conhecimento artístico do ser humano, os indivíduos no âmbito formativo do Ensino Básico, onde a educação para os valores e atitudes e para a cidadania plena possa centrar-se, hoje e amanhã, na ampliação dos saberes multi/interdisciplinares, pelo acesso a conhecimentos e valores, a culturas e valores sociais, a formas diversas de viver, de perceber e de interpretar o mundo, de comunicar, de se expressar e materializar as suas ideias pela arte.

Referências bibliográficas

- Arantes, P. (2005). *@rte e mídia-perspetivas da estética digital*. São Paulo: Editora Senac.
- Calvo, A. (2002). *La animación sociocultural. Una estrategia educativa para a participación*. Madrid: Alianza Editorial, S. A.
- Cossetti, M. C. (2020). *Como criar o seu Avatar no Facebook*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual. Retirado de <https://tecnoblog.net/responde/como-criar-o-seu-avatar-no-facebook/>
- Edwards, B. (s/d). *Desenho com o lado direito do cérebro* (10ª ed.) Rio de Janeiro: Edição Ediouro.
- Eisner, W. E. (1998). *Educar la visión artística*. Barcelona: Paidós Ibérica, S.A., Educador.
- Lima, L. C. (2005). Cidadania e Educação. Adaptação ao mercado competitivo ou participação na democratização da democracia? *Revista Educação, Sociedade & Culturas*, nº 23, pp. 71-90. Braga: Universidade do Minho.
- Pieron, V., Fermino, A. & Caliman, G. (2014). *Pedagogia da alteridade – Para viajar a Cosmópolis*. Brasília: Liber Livro Editora Ltda.
- Saura Pérez, A. (2011). *Innovación educativa con TIC en Educación Artística, Plástica e Visual –líneas de investigación y estudios de casos*. Sevilla: Editorial MAD.

- Seppi, I. da C. & Cardoso, V. (out. 2014). O Avatar, mediador de realidades. *Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística Edição Temática: Tecnologia Aplicada* Vol. 4 n.º 3. São Paulo: Centro Universitario Senac ISSN 2179-474X
- Tedesco, J. C. (2000). *O novo pacto educativo. Educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna edição* (3ª ed.). Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- UNESCO (2020). *International Arts Education*. Unites National Education, Scientific and Cultural Organization.
- Windows 10 (s/d). *Criar ou editar um avatar no Windows 10*. Retirado de <https://support.microsoft.com/pt-pt/windows/criar-ou-editar-um-avatar-no-windows-10-26f74036-4bd7-8b45-8315-7aa170361310>

Notas biográficas

Maria Assunção Pestana

Bacharel em Cine-Vídeo na Cooperativa de Ensino Superior Artístico Árvore, Porto, 1986; Licenciada em Arte Arqueologia e Restauro, pela Escola Superior de Tecnologia de Tomar, 1990 (D.E.S.E.); Mestre em História Ibero-Americana pela Universidade Portucalense, Porto, 1996. Doutorada em Didáctica e Organización Educativa – Investigación e Innovación, pelo Departamento de Didáctica y Organización Escolar, da Faculdade das Ciências da Educação, Universidade de Santiago de Compostela, título reconhecido pela Universidade do Porto, 2011, sendo a Tese: *Educación Artística - da prática artística à prática docente, as Pastas e os Blogues como dispositivos pedagógico-didáticos*. Professora aposentada do Instituto Piaget e da ESPAP. É investigadora em Educação Artística e colaboradora externa do Centro de Estudos do CIEC, Universidade do Minho. Artista visual e plástica presente, desde a década de sessenta do século XX, em diferentes exposições e coleções de arte; Tem estado presente em diferentes exposições (individuais e coletivas) – bienais de arte contemporânea, museus, galerias e coleções (Portugal e estrangeiro). Possui a Menção Honrosa de Performance – Bienal Vila Nova de Cerveira (1985) e o 1º Prémio de Vídeo Arte da Fundação Calouste Gulbenkian (1986).

Estela Pinto Ribeiro Lamas

Professora catedrática aposentada, com agregação em Didática da Literatura, Doutora em Ciências da Educação (Didática das Língua e Literatura Maternas), Mestre e Licenciada em Línguas e Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas (Portugal e França), Bachelor/Master (South Africa). Colabora com várias instituições em Portugal, com parcerias internacionais. Juntamente com Lourdes Montero da Universidade de Santiago de Compostela coordenou o programa de Doutoramento Perspetivas Didáticas em Áreas Curriculares (2000-2012). Publica na área da Crítica literária, de Didática do Português, da Formação de Professores. Como Reitora da Universidade Jean Piaget de Cabo Verde (2001-2007), em protocolo, promoveu o curso de Mestrado Ensino do Português (Universidade do Minho), cursos de Doutoramento Desenvolvimento Psicológico e Intervenção Social (Universidade de Valência) e Educação e Desenvolvimento Humano (Universidade de Santiago de Compostela). De 2012 a 2018, integrou a Comissão Instaladora da Universidade Metodista de Moçambique (UMUM), onde coordena o Mestrado em Pedagogia e Didática desde 2018. Está ligada a Centros de Investigação – Centro de Estudos Interculturais, no qual integra a Comissão Científica de Aconselhamento (CEI-ISCAP, Instituto Politécnico do Porto; Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEAUP).